

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

“Guerra é Guerra!”

* Heyde Coelho Santos

*Em manifestação de simpatia,
A APM, associação da classe,
programou para a noite deste dia
uma homenagem a quem se destacasse.*

*Inicialmente três foram escolhidos
por méritos, labores, competência,
na defesa da classe destemidos,
e pela ação no ramo da ciência.*

*Assim na ética e no desprendimento.
Dentre seus pares, pela liderança,
pelo prestígio, pelo seu talento,
por sacrifícios e perseveranças.*

*Um deles ficou calvo em seu calvário,
medrando exuberante a dar exemplo,
teimoso, esgrimista, visionário,
que construiu na marra o nosso templo.*

*Todavia, de forma surpreendente,
toma do telefone, o Celso Guerra,
com maus presságios, conturbada a mente,
faz ligação de urgência ao Luiz Terra.*

*É bom lembrar aos menos avisados:
concede a ciência idiossincrasias,
temores, aversões, crenças, fobias,
até aos competentes e letrados.*

*Faz pouco tempo, aqui desta trincheira,
Jatene, expurgando o que é sinistro,
bateu três vezes duro na madeira
ao declinar o nome de um ministro.*

*E consta que até Ruy, por compulsão,
com receio do som que chamam traque,
jamais se dirigia à multidão
sem reforçar fundilhos do seu fraque.*

*Eis Celso ao telefone. Bom de miolo,
pra azares afastar, que o Celso é místico,
pede ao Luiz pra acrescentar um tolo,
que três — cruz-credo! — é número
cabalístico.*

*Foi um deus-nos-acuda, um corre-corre
do centro aos bairros, todos nós sabemos,
e o Luiz a gritar: “Quem me socorre,
se um bobo da corte já não temos?”*

*“Heureka!”, diz Calil, sempre ferino.
“Achei!”, traduz agora em bom vernáculo,
passando a descrevê-lo em figurino
com seus dons de vidente e dons de oráculo:
“É um cara com sotaque nordestino
que tem vez de dizer que há de ser santo,
apóstolo, profeta, até seráfico.
É alto e magro, burro, mas não tanto,
tal qual uma caneta, esferográfico.
É metido a engraçado — um desaforo.
Diz-se cardiologista — isso é anedota.
Após quarenta anos sem decoro
está a aposentar-se... é um patriota.*



Orrélio J. Rocha entregou a placa de prata a Heyde Coelho Santos (à esq.)

*Já convidado, aceitou contente,
— seu entusiasmo é marca registrada —
e até previu: “Três décadas pra frente
iremos repetir essa noite!
Será outro jantar de aniversário,
todos velhinhos, porém com bossa e pinta,
três deles no limiar do centenário,
Figueiredo beirando os cento e trinta!”*

*Então, como se fosse um desafio,
recebo esta incumbência do Calil:
“Heyde, o saldo bancário está escasso,
tentemos golpe do João-sem-braço.
Enquanto você fala e arrumo a mesa,
tente abordar um tema de tristeza
pra tirar o apetite de alcatéia
dessa gente que vem da paulicéia.
Procure tapear o paulistano,
faça de conta que o interiorano
aborda qualquer tema em Medicina.
Depois do uisque tome uma aspirina
pra proteger sua velha coronária,
escolha um tema alheio à sua área...”*

*Você quer um palpite? Da tribuna
humilhe Knoplich, fale da coluna.
Faça o milagre, enfim, de distraí-los,
que faço o meu da multiplicação,
pois que havendo comprado só dois quilos
vou ter que esfarelar o camarão.”*

*E agora?
Coluna é tema pra doença e pestes,
desgraças, mortes, fome e sofrimentos.
Dou como exemplo a Coluna Prestes,
destroçada por falta de alimentos.*

*Se você tenta a bíblica leitura
verá que a sólida Babel, porreta,
desmoronou, e a utópica aventura
esculhambou com a ordem do planeta.
Mas em terror que em quilotons se mede
a de Hiroshima foi menos letal
se comparada às confusões do Sued
na desintegração da língua pátria
na famosa Coluna Social.*

*Apesar do concreto, pedra e argila,
as colunas de um templo hostil, pagão,*

*— você conhece a história de Dalila —
não resistiram ao bíceps de Sansão.*

*Foi lá no Cáucaso que urubu comeu
o patê figadal de Prometeu.
Noutra coluna Tântalo jejua
acorrentado aos pés de sua amada,
também por eles presa, bela e nua,
e ele a ver navios... não comeu nada.*

*Se você pensa que as palavras minhas
são um motivo para encher lingüiça,
engana-se, porque nas entrelinhas
vou vendendo o meu peixe e a minha missa.
É que o Knoplich, mestre da coluna,
é da ciência uma coluna-mestra.
Concluo, então, preenchendo uma lacuna
citando alguém que pra sorte e fortuna
conduzirá batuta a nossa orquestra.*

*Entre omissões de um lado, ou o fracasso,
me benzo — vade-retro, Satanás! —
voto no mestre, treze pontos faço,
da coluna do meio emerge a paz.*

*E por falar em paz, o Celso Guerra,
pra nosso orgulho e júbilo aqui presente,
é o nosso candidato a presidente,
ao cargo máximo da AMB
Um novo apelo faço pra você,
que longe de ser tolo ou idiota,
por culto e consciente escolhe e vota.*

*Se a lógica eu torcer em silogismo,
jogando o que será para o passado
e trazendo o que foi para o presente,
por certo que hei de ser recompensado
se no futuro o Celso for chamado
de atual e excelso presidente.*

*Façamos um acordo, custa nada:
entremos com a razão nessa cruzada,
mas com todo o fervor de combatente
que é tradição do povo desta terra,
porque, meus companheiros, Guerra é guerra!*

* Agradecimento em nome dos médicos homenageados na Reunião Distrital de Lins da APM.

O professor N

Ulisses Paranhos

A minha simpatia pelo belo espírito de Nina Rodrigues vem de longa data. Em 1896, quando iniciava o curso médico, pela primeira vez tive a satisfação de ler um trabalho do mestre, a quem apenas conhecia de vista, mas já admirava, através da legenda de talento e atividade, contada nos serões acadêmicos, pelos estudantes mais velhos, seus discípulos e, mais do que isto, seus dedicados amigos.

Nesta época, a convivência com Egas Muniz, poeta inspirado e médico distinto, despertou-me no ânimo a curiosidade de estudar e observar os costumes dos negros da Bahia, os seus ritos, a sua língua, as suas crenças.

E, no meu entusiasmo de adolescente, levava a assistir candoblés, querendo, viva força, iniciar-me nos mistérios do fetichismo afro-baiano. Foi precisamente nessa ocasião que caiu-me sob as vistas uma bela monografia de Nina Rodrigues — O animismo fetichista dos negros da Bahia — na qual, em páginas luminosas, eu assistia deslumbrado desfilar diante dos olhos todos os segredos da liturgia jorubama, cujos mistérios andava empenhado em conhecer.

A leitura dessa monografia levantou um lugar de honra para o nome do autor em meu espírito. Um ano depois deixava a Bahia, a fim de continuar o meu curso no Rio de Janeiro, levando a mágoa de não ter sido apresentado ao mestre.

A fatalidade, porém, tem muita força. Em 1900, circunstâncias imprevistas obrigaram-me a concluir o tirocínio acadêmico na mesma Faculdade onde, cinco anos, tão jubilosamente havia começado. Foi, nesse tempo, quando ocupava o lugar de interno de Psiquiatria no Hospital de São João de Deus, que conheci pessoalmente Nina Rodrigues. Desde o primeiro encontro ficamos camaradas. Todos os domingos, pela manhã, ia ele ao velho manicômio e lá passava horas e horas, com Juliano Moreira, examinando doentes, discutindo casos, numa intimidade modesta e encantadora. Com quantas saudades me lembro do nosso re-

gresso à cidade, eu o discípulo novo, cheio de ilusões e esperanças, orgulhoso da companhia de dois mestres notáveis, a ouvir curioso as suas palavras sábias e confiantes em um futuro promissor para a Medicina brasileira, conquistado por um ensino mais positivo e metódico.

Pelo caminho, muitas vezes, falava-se dos trabalhos científicos, simples ensaios sem valor, dos internos dos hospitais e que, no meio acadêmico, tomavam vulto de acontecimento. A respeito, Nina Rodrigues fazia comentários judiciosos, criticando benevolmente e aconselhando sempre com paternal afeto. A ele, assim como a Juliano Moreira, colaborador na revista, muito deve o Grêmio dos Internos dos Hospitais da Bahia, associação de moços, cujos antigos membros hoje possuem, muitos deles, o título de mestre. No sexto ano, fui seu discípulo de Medicina Legal.

Clóvis Bevilacqua havia apresentado, ao governo federal, o Projeto do Código Civil Brasileiro, e, em toda parte, médicos e juristas se preocupavam em levar o seu subsídio à feitura do nosso direito civil, a fim de que ele fosse o mais perfeito e o mais claro possível. O dr. Nina Rodrigues encarregou-se da sorte do alienado no direito civil brasileiro. Foi este o tema sobre o qual o ilustre professor de Medicina Legal doutrinou no meu último ano acadêmico. Essas lições foram mais tarde reunidas em volume, que constitui uma excelente contribuição à nossa Medicina judiciária. Nina Rodrigues não fazia durante o curso, como a maioria de seus colegas de magistério, uma revista geral sobre a matéria professada, escolhia um ou mais pontos importantes, de aplicação prática à nossa legislação, e sobre ele dissertava, sempre com elevação de vista e originalidade.

O distinto catedrático não possuía qualidades de orador; falava baixo, um pouco apressado, mas tinha o dizer correto e o modo de explicar claro e compreensível. A lição inaugural, ao menos no meu tempo, era lida. Nina Rodrigues fazia o possível para que o ensino da Medicina Legal fosse uma realidade e não simples discursos de tribuna. A sua

iniciativa se deve à criação do museu e laboratório de Medicina Legal da Faculdade da Bahia, que já satisfazem bem às exigências da disciplina. A orientação dada pelo ilustre professor à sua cadeira produziu excelentes resultados práticos; haja vista as interessantes monografias de Costa Pinto, A Grafologia em Medicina Legal; e de Cavalcanti de Albuquerque, Tatuagem nos criminosos da Bahia, além de outras, escritas sob a sua inspiração.

Nina Rodrigues entrou no magistério superior, dois anos depois de formado, como adjunto de Patologia Geral na Faculdade da Bahia, sendo em 1891, pela reforma do ensino, nomeado substituto da seção de Medicina Legal e Higiene, onde permaneceu quatro anos. Em 1895, o conselheiro Virgílio Damasio pediu aposentadoria da cadeira de Medicina Legal, tendo sido dignamente substituído pelo dr. Nina Rodrigues, que tomou logo posse do seu alto cargo.

A sua primeira lição, sobre a Evolução da Medicina Legal, no Brasil, se realizou no dia 23 de março de 1895, perante um auditório seletivo de colegas e alunos. No mister clínico ele foi um dedicado. Pelos seus doentes abandonava tudo e, desafiando o tempo e a moléstia, ia vê-los a qualquer hora, levando-lhes alívio e consolo. A clientela civil de Nina Rodrigues era vasta e escolhida, e a sua palavra doutra sempre ouvida com acatamento pelos colegas nos casos dúbios. Na vida afetiva, Nina Rodrigues era um sentimental: sacrificava-se pela família e pelos amigos. O seu mundo sintetizava-se na esposa virtuosa e na filha adorada.

A vida científica de Nina Rodrigues foi fecunda, muito fecunda mesmo. Longe de mim querer descrevê-la com a minúcia que merece; isso seria feito mais para os limites de um livro do que para o porte de uma simples notícia de saudação e admiração. Em ordem cronológica, o primeiro trabalho do saudoso professor, de que tenho conhecimento, é a memória sobre a Morféia em Anajutaba, publicada em 1887, quando o seu autor era estudante do quinto ano. Esta publicação é um estudo bem-



feito e documentado da epidemia da lepra reinante numa pequena cidade do Interior da então província do Maranhão, onde a terrível infecção se tornou quase geral entre os habitantes da infeliz localidade. Sobre o mesmo assunto, A morféia no Maranhão, publicado ele dois anos depois, em

1889, um novo trabalho na Gazeta Médica do Estado da Bahia. Nina Rodrigues, embora tivesse feito o curso na Faculdade da Bahia, defendeu tese para doutoramento no Rio de Janeiro. A sua dissertação inaugural versou sobre As amiotrofias de origem periférica, que nunca teve a ventura de ler. Informam, porém, que é um estudo consciencioso e de alto valor. Alguns anos depois publicou as suas ótimas contribuições à Medicina indígena, que mereceram do erudito Francisco de Castro a denominação justa e sincera de "preziosos estudos". (1)

Nessa interessante monografia, hoje infelizmente rara, são estudadas admiravelmente as perturbações cardíacas do beribéri, especialmente as desordens observadas no território da pequena circulação. (2) Ainda no domínio da Medicina prática se registram seus estudos sobre o diagnóstico diferencial do beribéri e sobre a

origem dos aneurismos da Bahia, brilhante sustentada e cardiopatologista de dr. Alfredo Brito, propedêutica na Faculdade da Bahia.

Como clínico, o dr. Nina Rodrigues chegou a uma notável competência. O seu julgamento, em seu próprio, dos laudos de Francisco de Castro, "clínico", chamou-lhe mestre, em plena atividade, foi, entretanto, nos anos de clínica que o seu nome chegou as raízes da celestidade. Ele foi antes um péssimo médico-legista e um devoto médico. Nina Rodrigues era indiscutivelmente um profundo cultor da medicina criminal em nosso país. Ele muito contribuiu para a divulgação das doutrinas brobianas no Brasil e aos seus valiosos estudos esclareceu um pouco da questão que cobre a psicologia da raça. A Medicina atraiu o seu espírito com a noção de mago. Em 1895 publicou um estudo sobre a organização dos serviços de saúde pública no Brasil, estudo tarde aproveitado com nomeação para organista instalação da demografia baiana. (3)

Em 1895, tomando a cadeira de Medicina L

na Rodrigues

vaga de Virgílio Damásio, que se aposentara, pronunciou um notável discurso, historiando a evolução da Medicina Legal no Brasil, desde o seu início até a atualidade, rejuvenescida graças aos esforços do seu predecessor e de Souza Lima. (4) Anos antes havia dado ao lume no Rio de Janeiro uma interessante memória sobre as raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil, que serviu como introdução a admiráveis estudos posteriores que elevaram o seu autor à categoria de mestre ilustre e respeitado no estrangeiro. (5)

Esse trabalho pode ser considerado como a estréia de Nina Rodrigues nos vastos domínios da antropologia criminal, estréia fecunda e proveitosa. No ano seguinte, começa a sua brilhante colaboração na Revista Brasileira. O primeiro estudo que deu à luz nessa bela publicação foi a magnífica memória sobre o Animismo fetichista dos negros baianos. Essa memória ocupa vários números. Nela o autor estuda a Zoologia fetichista dos negros baianos, fazendo interessantes pesquisas sobre o idioma de Jorubá e sobre a concepção teológica dos afro-baianos, que corresponde rigorosamente à doutrina da África Central, tal como formulou Waitz. (6)

A liturgia fetichista dos afro-baianos é narrada e criticada com uma minúcia e um espírito delicioso. Ao apreciar esse belo capítulo da memória de Nina Rodrigues se tem a impressão de ler uma página de humorismo fino e científico. Lá são descritos os Pegis ou santuários fetichistas, os candomblés, grandes festas públicas do culto jorubano e, enfim, todas as festas religiosas do elemento africano transportado para o nosso território. O Animismo fetichista dos negros da Bahia é um trabalho de primeira ordem; revela observação profunda e conhecimento cimentado de assunto difícil de explorar. Aos que não o conhecem recomendamos calorosamente a sua leitura.

As Ilusões da Catequese no Brasil é o título de um substancioso artigo vindo à luz na Revista Brasileira de 1897. No trabalho em questão, o autor, referindo-se a fatos demonstrativos da existência do fetichismo entre os negros baianos

e da improficuidade de qualquer catequese, conclui: "Continuar a afirmar, em face de todos esses documentos (apresentados na memória), que os negros baianos são católicos e que tem êxito no Brasil a tentativa de conversão é, portanto, alimentar uma ilusão que pode ser cara aos bons intuitos de quem tenha interesse de que a cousa se tivesse passado assim, mas que certamente não está conforme com a realidade dos fatos". (7)

É ainda da mesma época a Loucura epidêmica de Canudos. Nesta publicação são estudados os fatores sociológicos, éticos e psicológicos que deram causa à revolução sertaneja. "Antonio Conselheiro é um simples louco", escreve Nina Rodrigues, mas a sua loucura é daquelas em que a fatalidade inconsciente da moléstia registra com uma precisão instrumental o reflexo senão de uma época pelo menos do meio em que elas se geraram (8). No ano seguinte, ainda na Revista Brasileira, publicou a sua Lição de abertura do curso de Medicina Legal de 1895. Nessa lição, esforça-se para defender a moção, por ele apresentada à Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, regulamentando o exercício da Medicina pública. Eis a moção, infelizmente rejeitada por quase unanimidade:

"A Congregação da Faculdade da Bahia propõe ao Governo a criação de um título de habilitação particular de médico oficial, que será exigido de todo candidato ao exercício de Medicina pública, só podendo recair sobre eles as nomeações para as funções dos cargos de ordem sanitária". (9)

Comentando a rejeição de sua moção, Nina Rodrigues escreveu um artigo na Gazeta Médica da Bahia, demonstrando a inanidade das alegações que viam na proposta uma invasão das atribuições dos governos estaduais. (10) Além dos trabalhos já citados deu à publicidade muitos e muitos outros, dos quais vamos apenas referir os mais importantes, por ir já estirada esta digressão: O Regicida Marcelino Bispo, estudo sobre o assassino do desditoso marchal Bittencourt, onde é posto em evidência o valor das su-

gestões criminais de ordem política;

Os Progressos da Medicina Legal no século XIX, lição de abertura do curso de 1901, estampada nos arquivos de Psiquiatria e Criminologia de Buenos Aires, do qual Nina Rodrigues era um dos redatores; Des conditions psychologiques du depeçage criminel, vindo à luz, se não me engano, nos Anais médico-psicológicos, além de muitas outras publicações insertas nos Arquivos de Antropologia Criminal, de Paris, nos Arquivos de Criminologia, de Lombroso, e nos jornais médicos brasileiros. A última obra, reunida em volume, de Nina Rodrigues, creio ser o Alienado no Direito Civil Brasileiro, editada em 1901.

Desse valioso livro vou transcrever um trecho sobre a responsabilidade dos indivíduos suggestionados para que se tenha idéia desse comentário ao projeto do Código Civil: "O estado mental do suggestionado, tenha ou não intervindo o hipnotismo, é um estado mórbido ou anormal transitório; é um simples caso de inconsciência patológica, e como tal todos os atos civis dele decorrentes devem ser tidos como de um incapaz de consentir e não como apenas tocados do vício de consentimento." (11)

Inéditos dizem haver dois livros: O problema do negro na América do Sul e um Tratado de Medicina Legal. Deste último falou o autor a amigos aqui em São Paulo: publicá-lo era seu mais ardente desejo. (12)

Vai longo este artigo e já é tempo de terminar. Ele representa um modesto preito de saudade e respeito a um espírito que em vida considerei como mestre ilustre e amigo dedicado e cuja memória saberei guardar com a mais viva recordação e o mais sincero afeto. O desaparecimento de Nina Rodrigues abriu um claro profundo no professorado brasileiro. Felizmente, para consolo dos que ficam, aí está a sua obra preciosa, fonte perene de ensinamentos profundos. O seu belo espírito servirá de guia e exemplo aos seus discípulos que, tenho certeza, pelo estudo e trabalho, saberão honrar as tradições gloriosas do mestre ilustre!...

Notas

(1) Francisco de Castro — Tratado de Clínica Propéutica — vol. I, pág. 367

(2) Nina Rodrigues — Fragmentos de Patologia Intertropical — Bahia, 1892

(3) Nina Rodrigues — A Organização do Serviço Sanitário no Brasil — Brasil Médico, 1891

(4) Nina Rodrigues — A Medicina Legal no Brasil (Apontamentos Históricos), Bahia, 1895

(5) Nina Rodrigues — As Raças Humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Brasil Médico, 1894

(6) Nina Rodrigues — O Animismo Fetichista dos Negros da Bahia, Revista Brasileira, 1896, pág. 174

(7) Nina Rodrigues — Ilusões da Catequese no Brasil, Revista Brasileira, 1897, vol. IX, pág. 235

(8) Nina Rodrigues — A Loucura Epidêmica de Canudos, Revista Brasileira, 1897, vol. VII, pág. 135

(9) Nina Rodrigues — O problema médico-judiciário, Revista Brasileira, 1894, vol. XIV, pág. 343

(10) Nina Rodrigues — Exercício de Medicina Pública, Gazeta Médica da Bahia, 1892

(11) Nina Rodrigues — O Alienado do Direito Civil Brasileiro — Bahia, 1901, pág. 121

(12) Com o título "A Medicina Legal no Brasil", Tip. Bahiana, de Cincinato Melchades, rua do Arsenal da Marinha 25, Bahia, 1906, saiu o volume englobando "A Reforma dos Exames Médico-legais na Bahia. Apelo ao Congresso de unificação das leis processuais"; "As peripécias médico-legais no Brasil" — Documentos para instruir a necessidade de sua reforma e Pareceres e consultas médico-legais, e a assistência médico-legal nos alienados no Estado da Bahia — I) o que ele pode e deve ser; II) o que ela é.

Esta bela página de Ulisses Paranhos integra-se na Memória da Medicina, pois quase perdida na noite do olvido, foi localizada, pelo autor destas notas, dr. Duílio Crispim Farina, inserta na Revista Médica de S. Paulo, 1906, ano IX, S. Paulo, 31 de julho de 1906, nº 14, págs. 281 a 285. Escrita no distante ano de 1906 publica-se agora como homenagem a dois grandes vultos científicos da nacionalidade.

O doutor Ulisses Paranhos, fundador da Academia Paulista de Letras, deixou numerosas obras, entre as quais:

1) Discursos e Conferências, S. Paulo, 1913, Empresa Tip. Editora "O Pensamento", rua Senador Feijó 19; Coletânea compreendendo Discurso de láurea, pronunciado na colação de grau dos doutorandos em Medicina da Faculdade da Bahia; Rudolf Virchow, discurso de jubileu pronunciado, a convite dos alunos da Fac. Medicina da Bahia, no Grêmio dos Internos dos Hospitais daquela cidade; A Nova Concepção da Velhice, conferência feita na Associação Paulista de Encorajamento Científico; Discurso de saudação aos médicos brasileiros, na sessão inaugural do sexto Congresso Brasileiro de Medicina, em nome da Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo; Venenos da Inteligência (álcool, fumo e café), palestra realizada no Instituto Científico do Mackenzie College; A Doutrina Celular, em Biologia e em Patologia, lição inaugural do Curso de Histologia professado na Universidade de São Paulo (Escola de Medicina de S. Paulo, de curta existência); O Ensino das Belas-Artes, discurso, na sessão solene de inauguração da Escola de Belas Artes, de São Paulo; Discurso sobre Eduardo Prado, trabalho para ser lido na Academia Paulista de Letras (sic);

(2) Ensaio, Discursos e Conferências, Casa Duprat Editora, S. Paulo, 1917 (oferecido ao querido amigo Aristeu Seixas).

Os Fatores da Nacionalidade Brasileira, inauguração da Universidade Popular; Charlatanismo em Medicina, na Universidade Popular;

Papel Social da Ciência, no salão do Conservatório; Discurso de paraninfo, pronunciado na recepção de Monsenhor Benedito de Souza, na Academia Paulista de Letras (salão do Instituto Histórico); A arte de ser feliz, proferida no Salão do Conservatório;

Estudantes de outros Tempos, idem salão do Conservatório;

A Dança, proferida no Teatro Municipal;

3) Psicologia da Sugestão, 1902;

4) Anafilaxia e Medicina Legal, 1914;

5) Idéias e Comentários, Tip. "O Pensamento", 1926;

Instituto Histórico e Geográfico de SP, a caminho do centenário

*Roberto Machado Carvalho

Préste a comemorar cem anos de existência, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo é a mais antiga instituição cultural, em atividade, de São Paulo, Capital.

Corria o ano de 1894. Acompanhando o ritmo de transformação material da cidade, provocada pelo surto da industrialização, diversas instituições culturais-educativas foram implantadas naquele ano, o mais produtivo da fecunda administração estadual do dr. Bernardino de Campos, período de agosto de 1892 a abril de 1896. Em fevereiro daquele ano, a instalação da Escola Politécnica, sob a direção do notável paulista de Itu, Antonio Francisco de Paula Souza; em maio, o Museu Paulista no Ipiranga, centro científico, sob a competente direção de Hermann von Ihering, depois continuada pelo infatigável labor de Afonso de Taunay; em agosto, a inauguração do imponente edifício da Escola Normal da Praça da República; em setembro, o Ginásio do Estado, centro educacional do modelar ensino paulista de então; e em 1º de novembro, a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Nesse dia, o jornal "O Estado de S. Paulo" estampava a seguinte nota:

"Os Drs. Jaguaribe Filho, Antônio Piza e o sr. Estevão Leão Bourroul convidam todos os homens de letras desta capital para uma reunião que tem de efetuar-se hoje ao meio dia no salão da Academia, gentilmente cedido pelo sr. Barão de Ramalho. O fim da reunião é tratar da criação do Instituto Histórico Paulista".

Os idealizadores da novel instituição eram o médico Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho, o engenheiro Antônio de Toledo Piza e o advogado Estevão Leão Bourroul. A Academia era a tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, no centro da Capital, e o barão de Ramalho era o dr. Joaquim Inácio Ramalho, então diretor da escola.

A iniciativa foi recebida com entusiasmo e aplaudida pelos mais renomados representantes da inteligência, cultura e sociedade paulistana. Nada menos que sessenta e nove personalidades, atenderam, pessoalmente ou por procuração, ao convite. Aberta a reunião foi aclamado para presidir a o nome do dr. Cesário Motta Jr., que ocupava a Secretaria do Interior, eminente homem público, a cuja visão de estadista, já consagrada na administração pública, muito deve o Instituto nos seus primeiros passos. Foi aclamado presidente honorário do sodalício o dr. Prudente José de Moraes Barros, o qual, quinze dias depois, assumiria a presidência da República.

Até 31 de dezembro daquele ano, mais setenta pessoas foram incluídas no quadro social, perfazendo um total de cento e trinta e nove sócios-fundadores. A

primeira diretoria efetiva, com mandato de três anos, estava assim constituída: presidente, Cesário Motta Jr.; vice-presidente, Manuel Antonio Duarte de Azevedo, 1º secretário, Carlos Reis; 2º secretário, Manoel Ferreira Garcia Redondo; tesoureiro, Domingos José Nogueira Jaguaribe. A redação definitiva do primeiro estatuto foi aprovada em sessão de 30 de dezembro. No artigo 1º, os fins da entidade:

a — Promover o estudo e o desenvolvimento da História e Geografia do Brasil e principalmente do Estado de São Paulo e bem assim ocupar-se de questões e assuntos literários, científicos, artísticos e industriais que possam interessar o país sob qualquer ponto de vista;

b — Publicar uma revista, uma vez ao menos anualmente, dando conta da vida da associação e onde fiquem arquivados os trabalhos que o Instituto julgar úteis e interessantes;

c — Manter correspondência e relações com as sociedades congêneres, nacionais e estrangeiras.

No Estatuto atualmente em vigor, datado de 1973, é conservada a alínea a dos tempos da fundação, com redação ligeiramente modificada: "promover o estudo e a divulgação da História, da Geografia e das ciências e disciplinas correlatas, especialmente das que se relacionam com São Paulo..." Quanto à revista, determina que "será publicada periodicamente, não devendo ser maior de um ano o espaço de tempo decorrido entre números subsequentes, e conterá, além das atas das sessões e assembleias, a lista dos sócios, o relatório anual da diretoria, um resumo das atividades dos vários Departamentos, o balancete, os trabalhos escritos e os documentos que forem aprovados pela comissão de redação da revista, a qual, de acordo com a diretoria, determinará a sua distribuição". A alínea e está entre as promoções do sodalício: "Manter correspondência e permuta de publicações com sociedades congêneres."

O volume I da revista foi dividido em dois fascículos. O primeiro saiu em 1895, impresso pela Typ. d'O Município-rua do Rosário, 5, S. Paulo, 186 págs. Trazia trabalhos de Orville A. Derby, "A denominação Serra da Mantiqueira"; Domingos Jaguaribe, "Origens republicanas do Brasil"; João Monteiro, "Discurso em homenagem à Independência dos Estados Unidos"; e as atas das sessões até a décima terceira. O segundo fascículo saiu em 1896, impresso por Carlos Zanghi, Typographia King-rua do Commercio, S. Paulo, 89 págs, contendo a seguinte matéria: "Os selvagens de São Paulo" por C. B.; Antonio Augusto da Fonseca; "Typos Ituanos", padre Jesuino do Monte Carmelo; "Oração fúnebre", pelo padre Diogo Antonio Feijó; Theodoro Sampaio, "A posse meridional do Brasil"; relatório da diretoria e anexos, atas das sessões.

O estatuto da fundação esta-

belecia quatro classes de sócios: correspondentes, efetivos, honorários e beneméritos. Para ingressar no quadro de sócios efetivos exigia-se a apresentação de "trabalho de lavra própria, de valor ou julgado digno de ser publicado na revista e sobre assunto que interesse ao Estado de São Paulo ou ao Brasil..." Atualmente, a categoria é denominada titular, exigindo-se a apresentação de trabalho meritório sobre assunto relacionado com a História, Geografia e ciências correlatas, dando destaque aos referentes a São Paulo. A comissão de sindicância e admissão de sócios dá o parecer sobre o currículo do candidato. Se favorável, deve vencer dois escrutínios em sessões especialmente convocadas. Uma vez aprovado, escolhe seu patrono e marca-se a posse. Nos últimos anos ficou vedada a admissão de novos sócios. A nova diretoria — posse em janeiro do corrente ano para um mandato de três anos — presidida pelo acadêmico-escritor Hernâni Donato, deliberou a reabertura das inscrições para novos sócios, em todas as categorias. Atualmente, o IHGSP conta com 339 sócios, assim distribuídos: 67 titulares, 87 honorários, 71 eméritos, dois beneméritos, cinco benfeitores, 78 correspondentes nacionais e 29 correspondentes estrangeiros. Outros compromissos assumidos pela diretoria: organizar o programa das comemorações do centenário de fundação do Instituto (1994), reativar o intercâmbio com instituições culturais e científicas, aumentar a frequência de suas sessões, editar um boletim ou jornal mensal e dinamizar a publicação da revista. Todos os sócios têm o direito de frequentar e utilizar as dependências da sede, votar e ser votados para qualquer cargo, apresentar trabalhos nas sessões e colaborar na revista.

As sessões plenárias do IHGSP são públicas e realizadas às primeiras e terceiras quartas-feiras do mês, das 17 às 18 horas, em sua sede social. Desde 1985 que as segundas e quartas quartas-feiras, das 16h30 às 18 horas, são preenchidas com as reuniões do Centro de Estudos Históricos — CEHIS —, uma inovação cultural das tardes daqueles dias, quando sócios e convidados reúnem-se em torno de uma "mesa-redonda" para apresentar, comentar e debater — cada intervenor dispõe de dez minutos — os mais diferentes temas históricos, geográficos, ciências correlatas e literários. Comentários sobre livros, efemérides, personalidades, artigos de jornais ou revistas, notícias de outras entidades, noticiário cultural também são tratados nas reuniões do CEHIS. O órgão é parte integrante do sodalício, um complemento das sessões plenárias, compreendendo, além do já citado, a leitura de ata da reunião anterior e comunicados diversos.

Desde a fundação, as atividades de cada ano iniciam-se no dia comemorativo da fundação de São Paulo, 25 de janeiro, prolongando-se até outubro. As pri-

meiras sessões — em dezembro de 1894 foram quatro — realizaram-se nas dependências da Escola Normal, recém-inaugurada na praça da República. A partir de 1895, as sessões foram transferidas para o Ginásio do Estado, na rua da Boa Morte. Em maio de 1896, a secretaria, arquivo e biblioteca passaram a funcionar na rua 15 de Novembro, 59. Outros prédios que serviram de sede do Instituto estavam situados na rua Mal Deodoro (1896), no largo da Sé (1898) e rua General Carneiro (1900). Em 25 de janeiro de 1909, o sodalício ganhou sede própria, no mesmo local do imponente edifício atual, na rua Benjamin Constant, 158. A antiga sede própria era um sobrado, contrastando com o atual de oito andares. O Instituto foi o primeiro de todas as entidades congêneres do País a possuir sede própria. Quando a cidade de São Paulo completou quatrocentos anos de fundação, em 25 de janeiro de 1954, foi inaugurada a atual sede. Era presidente o médico dr. Ernesto de Souza Campos, que não mediu esforços para ver concretizada a obra. O novo edifício veio atender ao crescimento da entidade e possibilitar a obtenção de rendas através da locação de parte das instalações. As dependências do Instituto estão assim distribuídas: Auditório "Afonso de Freitas", 1º andar; Biblioteca "Afonso de Taunay" e sala de leitura "Pe. Manoel de Nóbrega", 3º andar (aberto ao público das 13 às 18 horas); Museu "José Bonifácio", Arquivo e Documentação, 4º andar; Hemeroteca "Julio Mesquita", 7º andar; sala "Prof. Ernesto de Souza Campos", da presidência; sala "José Torres de Oliveira", da secretaria; sala do pessoal, sala das comissões, copa e sanitários, 7º andar.

Ilustres e atuantes personalidades exerceram o cargo de presidente do Instituto: Cesário Motta Jr. (1894), Manuel Antônio Duarte de Azevedo (1897), Luís de Toledo Piza e Almeida (1913), Altino Arantes (1916), Afonso Antonio de Freitas (1922), José Torres de Oliveira (1930), Ernesto de Souza Campos (1951), José Pedro Leite Cordeiro (1957), Aureliano Leite (1963), Ernesto de Moraes Leme (1976), José Pedro Leite Cordeiro (1978) e Lycurgo de Castro Santos Filho (1986-1992). Entre os presidentes honorários, os nomes de Prudente de Moraes, José Maria da Silva Paranhos (barão do Rio Branco), Rui Barbosa, Afonso de Taunay, Ernesto de Moraes Leme e Lycurgo de Castro Santos Filho.

Com a aproximação do ano do centenário (1994), o IHGSP apresenta-se em organizar o programa de comemorações, marcando presença como um dos principais centros de estudos e pesquisas de ciências humanas do Brasil.

* Roberto Machado Carvalho é secretário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Acaba de ser lançado, pela editora Summus, O Paciente como Ser Humano, de Rachel Naomi Remen, tradução de Denise Bolanho. A autora, renomada médica norte-americana, é pioneira no acompanhamento de doenças graves, como o câncer, utilizando recursos não convencionais em Medicina, abordando, a um só tempo, o paciente, os médicos e os profissionais envolvidos com a doença. Para a autora, a saúde é o principal bem da vida, e, para tê-la, é necessário fundamentar a existência em valores e qualidades espirituais, como, por exemplo, o respeito, a compaixão, a bondade, o altruísmo. O livro procura mostrar que mesmo uma pessoa com doença grave é capaz de conviver muito bem com o seu mal, podendo morrer de forma saudável, com valores mais positivos, extraindo, de dentro da desdita, a parte boa que existe em tudo. Na obra há relatos de casos de pacientes que, através de formas mais pessoais de tratamento, aprenderam a enfrentar suas doenças e crescer internamente. Livro muito interessante, que tem mensagem positiva para os que se dedicam e convivem com pessoas acometidas de doenças graves.

A Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo acaba de publicar um livro de divulgação de informações ao público sobre noções básicas do funcionamento dos olhos e cuidados com o aparelho visual: Nossos olhos, de autoria do dr. Mário Luiz de Camargo, médico oftalmologista do Centro de Saúde da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. É muito louvável o interesse do autor e o apoio da Faculdade de Saúde Pública da USP em difundir noções que o médico oftalmologista deve fazer chegar à população. A leitura é fácil e vem valorizada por ilustrações de Paulo Caruso. Assim, podemos obter um grande sucesso para esta meritória publicação. Os interessados em adquiri-lo poderão fazê-lo no Centro de Saúde da Faculdade de Saúde Pública da USP, à avenida Dr. Arnaldo, 925, São Paulo.

A filha de Cora Coralina, Vivência Tahan, durante a palestra que fez na APM para o Primeiro Curso de Atualização para mulheres de médicos, distribuiu livros para os presentes. Trata-se de Cora Coragem Cora Poesia, biografia romancada da mãe. Nele a autora narra fatos do cotidiano da poetisa, a mulher comum ligada aos afazeres domésticos, que soube redimensionar tudo em apurada poesia. Cora Coralina, se estivesse viva, teria 103 anos de idade.

A Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, Seção São Paulo, doou à biblioteca da APM dois livros: A Piza Literária e Por um Lugar ao Sol. O primeiro livro é uma coletânea de contos organizada por Regis Cavini Ferreira, obra autofinanciada pelos colaboradores. O nome "Piza Literária" prende-se às reuniões da Sociedade, que são realizadas mensalmente ao sabor de pizza, descontraída bebida e boa conversa, em um dos restaurantes de São Paulo. O segundo livro, também coletânea, reúne, principalmente, poesias escritas pelos membros da Sociedade. Há, também, crônicas e contos, cujo prisma psicológico e estético dos médicos escritores está a demonstrar que a arte de curar caminha pari passu com a arte de escrever.

Irany Novah Moraes recebeu o Prêmio Jabuti 93, como autor do melhor livro de Medicina, cujo nome é "Residente de Cirurgia", Editora Roca. G.A.P.